

Capítulo 08

A CAMUFLAGEM OBSERVADA NO TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA EM MULHERES

JULIANA CELGA DE MENDONÇA¹
RAUL MALINI LOUVEM²
THAIS CELGA DE MENDONÇA²
BRUNELLA DELUCA PETRONETTO²
JESSICA LEAZI VALVERDE²

1. Discente – Medicina do Centro Universitário Multivix Vitória
2. Médicos egressos do Centro Universitário Multivix Vitória

Palavras Chave: Autismo; Mulheres; Camuflagem.



10.59290/978-65-6029-096-9.8

INTRODUÇÃO

De acordo com o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-5), o Transtorno do Espectro Autista (TEA) é caracterizado por déficits na comunicação e na interação social, padrões repetitivos e restritos de comportamento e interesses, hiper ou hiporreatividade aos estímulos sensoriais, fala repetitiva e estereotipada, dentre outros. Além disso, para o diagnóstico do TEA, esses sintomas devem causar prejuízos no funcionamento social, profissional e pessoal do indivíduo, além de não poderem ser explicados por deficiência intelectual ou atraso global do desenvolvimento. Outra característica importante é que esses sintomas precisam estar presentes no período do desenvolvimento de forma precoce, no entanto, podem não se manifestar totalmente até que exista uma demanda social para que essas habilidades sejam desenvolvidas e não mascaradas.

Atualmente, sabe-se que o TEA acomete cerca de 2,3% das pessoas em todo o mundo, sendo mais frequentemente diagnosticado no sexo masculino. Associado a isso, comumente, os homens autistas recebem o diagnóstico de forma mais precoce do que as mulheres (MILNER *et al.*, 2023a). Esse fato justifica-se, principalmente, pelos mecanismos de camuflagem observados, principalmente, no sexo feminino, caracterizados por estratégias comportamentais aprendidas que visam disfarçar e mascarar condições em alguns contextos sociais. Essa dissociação entre os padrões de comportamentos de um indivíduo autista e os comportamentos que as mulheres autistas retratam para o exterior faz com que o diagnóstico seja complexo e ocorra de forma mais tardia que nos homens (ALAGHBAND-RAD *et al.*, 2023).

Outra preocupação com relação aos pacientes com TEA é alta prevalência de problemas de saúde mental nesses indivíduos, como por

exemplo: ansiedade, depressão e ideação suicida. Também foi observado que, em comparação com mães não autistas, as mães autistas apresentaram maior risco de depressão perinatal (DUBREUCQ & DUBREUCQ, 2021). Somado a isso, pesquisas indicam que a camuflagem está relacionada com maior incidência desses transtornos por levar à exaustão física e mental, visto que os pacientes se desgastam para mascarar sua verdadeira identidade (CAGE & TRAXELL-WHITMAN, 2019).

Pelo fato de a camuflagem levar ao diagnóstico tardio do TEA devido ao mascaramento dos sintomas, tornou-se necessário o desenvolvimento de ferramentas para auxiliar o diagnóstico desse transtorno em mulheres. Atualmente existe o *Camouflaging Autistic Traits Questionnaire* (CAT-Q), que se trata de um questionário de autorrelato que avalia características do autismo, à medida que avalia fatores de camuflagem (LUNDIN REMNÉLIUS & BÖLTE, 2023). O questionário é composto por 25 itens que podem ser pontuados de 1 a 7, produzindo um escore total de 25 a 175 pontos, sendo que quanto maior for a pontuação maior é o indicativo de comportamento de camuflagem no indivíduo (CAGE & TRAXELL-WHITMAN, 2019).

Devido os fatos descritos, o objetivo desse estudo foi apresentar estratégias para a correta identificação do autismo de forma precoce nas mulheres e, assim, reduzir o impacto na qualidade de vida dessas pessoas, sendo o CAT-Q uma opção de ferramenta a ser aplicada na consulta médica quando houver suspeita da presença do transtorno.

MÉTODO

Diante do exposto, foi realizada uma revisão de literatura pela base de dados PubMed por meio da seleção inicial de 28 artigos e, após

análise minuciosa dos critérios de inclusão e exclusão, foram selecionados 10 artigos como base dessa pesquisa.

Os critérios de inclusão foram: artigos de 2018 a 2024, disponibilizados na íntegra e que continham os descritores "*autism*", "*autism spectrum disorder*", "*women*" e "*camouflaging*" no título e/ou resumo.

Os critérios de exclusão foram: artigos que abordavam outras comorbidades, relatos de experiências pessoais e, ainda, opiniões de especialistas.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Vale destacar que a camuflagem foi descrita em adultos, crianças e adolescentes (LUNDIN REMNÉLIUS & BÖLTE, 2023), não sendo um mecanismo exclusivo do sexo feminino, visto que alguns indivíduos do sexo masculino também podem mascarar seus sintomas, embora seja menos frequente. Dentre os comportamentos de camuflagem observados estão: redução de movimentos repetitivos, se forçar para manter contato social, roteirizar conversas para tornar o momento mais agradável, além de habilidades de comunicação não verbal, por exemplo, imitar expressões faciais de indivíduos neurotípicos (LAI *et al.*, 2019).

Alguns estudos também descrevem as características cerebrais associadas à camuflagem como, por exemplo, maior ativação da região pré-frontal ventromedial, menor volume do cerebelo e da região temporal medial (ALAGHBAND-RAD *et al.*, 2023). E, além disso, os motivos para a camuflagem ocorrer foram descritos em estudos e são eles: visar conseguir um emprego e fazer amigos, para apresentar suas ideias, aparecer atraente para um par romântico, demonstrar sucesso e inteligência (CAGE & TRAXELL-WHITMAN, 2019).

Foi observado que indivíduos autistas que camuflam fazem isso para que as pessoas te-

nham uma boa primeira impressão, o que no início pode funcionar, no entanto, com o passar do tempo, acabam não conseguindo suprir as necessidades sociais o que leva ao distanciamento e frustração. Já os indivíduos que não usam o mascaramento ou mascaram pouco, tendem a se isolar, serem rejeitados e vistos como menos competentes (**Figura 8.1**).

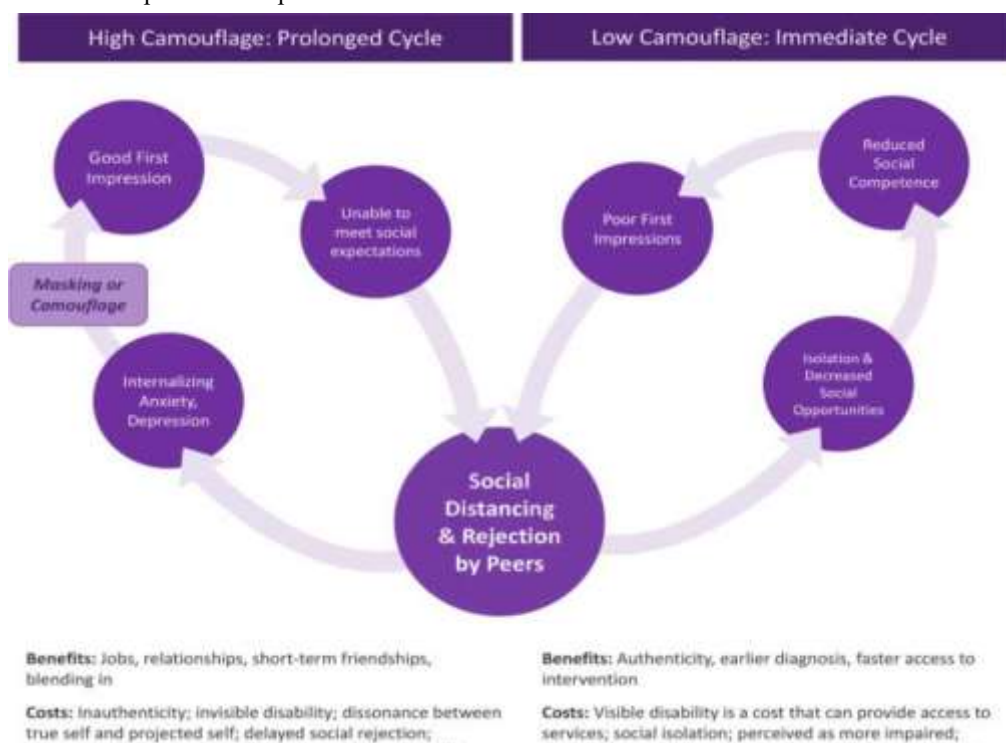
Em relação ao mascaramento dos sintomas observado no sexo feminino, alguns estudos demonstraram que as mulheres com TEA normalmente possuem comportamentos menos estereotipados do que os homens autistas visto que conseguem observar as pessoas neurotípicas ao seu redor imitando o comportamento para se inserir em ambientes sociais (RYNKIEWICZ *et al.*, 2019). Esse mascaramento é o principal motivo descrito para o atraso do diagnóstico, gerando prejuízo funcional na vida dessas pessoas.

Outro ponto importante a ser destacado com relação ao diagnóstico tardio é quanto aos instrumentos usados para o diagnóstico do transtorno, visto que esses são baseados em amostras de populações predominantemente masculinas, o que leva ao menor reconhecimento do TEA em mulheres (RYNKIEWICZ *et al.*, 2019).

Com relação a isso, um dos motivos para a necessidade de diagnóstico precoce nas mulheres autistas é devido à ingenuidade e vulnerabilidade desse grupo, fazendo com que as mulheres autistas sejam mais propensas ao abuso sexual, além de enfrentarem maior dificuldade no ambiente de trabalho devido ao estresse e à sobrecarga de estímulos sensoriais (RYNKIEWICZ *et al.*, 2019).

Após a apresentação dos fatos citados, a importância do estudo desse tema torna-se inegável visto que, ao conseguir identificar se existe a camuflagem dos sintomas do TEA, o diagnóstico ocorreria de forma mais precoce, minimizando os danos causados na vida das mulheres autistas.

Figura 8.1 Ciclo de primeiras impressões no TEA em indivíduos com altos e baixos níveis de camuflagem



Fonte: COLA *et al.*, 2020

Por isso, pesquisas vêm sendo realizadas aplicando o CAT-Q para analisar a capacidade dessa ferramenta no auxílio do diagnóstico por meio da avaliação de três fatores, são eles: 1) compensação visando suprir às dificuldades de comunicação, 2) mascaramento dos sintomas para demonstrar menos características do autismo para outras pessoas e 3) assimilação por meio de estratégias para se adequar em situações sociais (BELCHER *et al.*, 2021; ALAGHBAND-RAD *et al.*, 2023; MILNER *et al.*, 2023b).

Como resultado dos estudos realizados, foram obtidas pontuações totais no CAT-Q maiores em mulheres autistas do que em homens autistas, o que contribui para a hipótese de que nesse grupo ocorre maior mascaramento dos sintomas, justificando o menor número de diagnósticos observados que leva à ideia de que o TEA é mais frequente nos homens. Além disso, algumas razões para a camuflagem foram descritas nessas pesquisas pelos pacientes dos estudos: o objetivo era se adequar ao mundo neu-

rotípico nas relações interpessoais e em ambientes formais de trabalho e estudo, visando evitar intimidação devido à preocupação sobre a opinião que as outras pessoas têm sobre eles.

CONCLUSÃO

O estudo atual demonstra a necessidade de os profissionais de saúde considerarem os mecanismos de camuflagem caso exista a suspeita do TEA, sendo a aplicação do CAT-Q pelos médicos uma forma de alcançar o correto diagnóstico logo nas primeiras consultas, objetivando fornecer corretamente a estratégia terapêutica necessária e minimizar os danos de estresse físico e mental nesse grupo. Entretanto, como limitação de seu uso, o CAT-Q não é útil para indivíduos autistas com dificuldades linguísticas ou deficiência intelectual, devido seu caráter autorreflexivo. Somado a isso, o questionário não é validado para uso em crianças e adolescentes (LUNDIN REMNÉLIUS & BÖLTE, 2023).

Além disso, o presente estudo tem como objetivo conscientizar acerca da importância da maior aceitação e menor estigmatização dos indivíduos autistas por parte da população geral, visto que embora as mulheres autistas enfrentem maior dificuldade em ambientes sociais, por exemplo no trabalho, com o apoio necessário e com as estratégias terapêuticas adequadas, elas podem obter sucesso e reconhecimento em

sua área de especialização (RYNKIEWICZ *et al.*, 2019).

Por fim, vale enfatizar a necessidade de maiores pesquisas sobre a camuflagem no TEA, associada à implantação do CAT-Q nas consultas, visto que, atualmente, existe uma certa limitação por parte dos estudos disponíveis (CAGE & TRAXELL-WHITMAN, 2019).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALAGHBAND-RAD, J. *et al.* Camouflage and masking behavior in adult autism. *Frontiers in Psychiatry*, v. 14, p. 1108110, 2023. doi 10.3389/fpsyt.2023.1108110.
- BELCHER, H.L. *et al.* Camouflaging intent, first impressions, and age of ASC diagnosis in autistic men and women. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 52, n. 8, p. 3413, 2022. doi 10.1007/s10803-021-05221-3.
- CAGE, E. & TROXELL-WHITMAN, Z. Understanding the reasons, contexts and costs of camouflaging for autistic adults. *Journal of Autism and Developmental Disorders*, v. 49, n. 5, p. 1899, 2019. doi 10.1007/s10803-018-03878-x.
- COLA, M.L. *et al.* Sex differences in the first impressions made by girls and boys with autism. *Molecular Autism*, v. 11, n. 1, 2020. doi 10.1186/s13229-020-00336-3.
- DUBREUCQ, M. & DUBREUCQ, J. Toward a gender-sensitive approach of psychiatric rehabilitation in autism spectrum disorder (ASD): A systematic review of women needs in the domains of romantic relationships and reproductive health. *Frontiers in Psychiatry*, v. 12, p. 630029, 2021. doi 10.3389/fpsyt.2021.630029.
- LAI, M.-C. *et al.* Neural self-representation in autistic women and association with 'compensatory camouflaging'. *Autism: the International Journal of Research and Practice*, v. 23, n. 5, p. 1210, 2019. doi 10.1177/1362361318807159.
- LUNDIN REMNÉLIUS, K. & BÖLTE, S. Camouflaging in autism: Age effects and cross-cultural validation of the Camouflaging Autistic Traits Questionnaire (CAT-Q). *Journal of Autism and Developmental Disorders*, 2023. doi 10.1007/s10803-023-05909-8.
- MILNER, V. *et al.* Does camouflaging predict age at autism diagnosis? A comparison of autistic men and women. *Autism Research: official journal of the International Society for Autism Research*, 2023a. doi 10.1002/aur.3059
- MILNER, V. *et al.* Sex differences in predictors and outcomes of camouflaging: Comparing diagnosed autistic, high autistic trait and low autistic trait young adults. *Autism: the international journal of research and practice*, v. 27, n. 2, p. 402, 2023b. doi 10.1177/13623613221098240
- RYNKIEWICZ, A. *et al.* Girls and women with autism. *Psychiatria Polska*, v. 53, n. 4, p. 737, 2019. doi 10.12740/PP/OnlineFirst/95098